

A FORMAÇÃO DO MEDIADOR DE LEITURA: PORQUE O LIVRO DO PNBE EXISTE PARA SER LIDO

Sayonara Fernandes da Silva¹
Marly Amarilha²

*Nem precisaria mais pão, Emília!
O velho pão viraria livro. O Livro-Pão, o Pão-Livro!
Quem souber ler lê o livro e depois come; quem não
souber ler come-o só, sem ler.
Desse modo o livro pode ter entrada em todas as
casas, seja dos sábios, seja dos analfabetos.
Otimíssima ideia, Emília!
– E quem deu a você essa ideia, Emília?
– Foi o raciocínio. O livro existe para ser lido, não é?
José Bento Renato Monteiro Lobato*

Lobato, na epígrafe que abre este artigo, utilizando a voz de Emília nos diz que o livro existe para se lido. Este artigo é um desdobramento da pesquisa de Mestrado em Educação realizada na universidade Federal do Rio Grande do Norte no período de 2013 a 2015 e discute a mediação de leitura na Educação Infantil pelo viés do Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE.

De acordo com o Guia do Usuário do PNBE (1999), só se desenvolve o gosto pela leitura a partir de uma aproximação afetiva e efetiva com os livros.

Também se sabe que a escola é fundamental para essa aproximação, tanto da criança quanto do jovem. Por isso os alunos precisam viver na escola as experiências necessárias para que, ao longo da vida, possam recorrer aos livros e à leitura como fonte de informações, como instrumento de aprendizagens e como forma de lazer (GUIA DO USUÁRIO DO PNBE, 1999, p. 19).

Sabendo-se que nenhum grupo é homogêneo, apesar da aparência, quando nos referimos aos professores, ninguém discute que eles fazem parte de um grupo ligado à difusão da cultura. Contudo, apesar dessa aparente homogeneidade, sabemos que esse grupo é heterogêneo, que reage de diversas formas à literatura de acordo com as suas preferências individuais e seu modo de ler. Respaldamo-nos em Neto (2009) para afirmar que não é tarefa fácil formar mediadores, “até porque hoje representa uma superação de determinadas concepções que atribuíam a leitura exclusivamente às obrigações da escola, ligando-a mecanicamente à alfabetização” (NETO, 2009, p. 66)

Assim, considerando esse grupo social, a recepção literária pode adquirir concepções diferentes, dependendo da sua sensibilidade e de seu conhecimento para julgar sobre a arte da palavra: a literatura. A mediação de leitura que esse sujeito irá desenvolver em sua sala de aula dependerá da sua própria condição de leitor. Desse modo, começaremos analisando a formação dos professores que atuam nos Centros Municipais de Educação Infantil de Natal- RN.

Com base em dados coletados a partir dos questionários aplicados aos gestores dos Centros Municipais de Educação Infantil pelo Comitê Gestor do Plano Municipal de Leitura

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: sayonara.sayonara@yahoo.com.br.

² Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: marlyamarilha@yahoo.com.br.

Literária, quanto à formação continuada dos professores, o Gráfico 1 mostra que mais da metade dos gestores pesquisados afirma não desenvolver planejamentos e nem estudos sobre a mediação de leitura com a equipe de professores no âmbito das instituições de ensino.

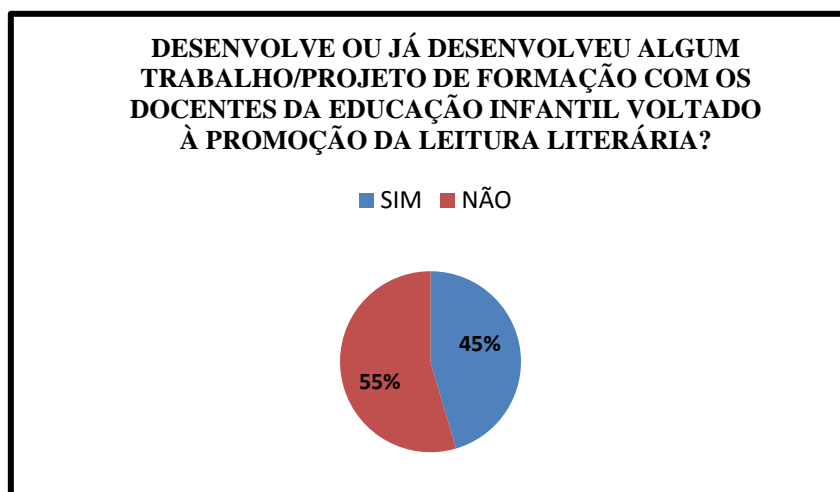


Gráfico 1: Formação continuada em prática de leitura literária para os professores no CMEI – **Fonte:** Pesquisa realizada nos Centros de Educação Infantil em Natal/RN – **Referência:** Questionário Comitê Gestor

Esta questão tem sido discutida há muito tempo no contexto educacional, cujas proposições teóricas não dialogam com a realidade cotidiana dos professores. Ensinar a ler, em contexto educacional, pressupõe favorecer os meios sociocognitivos para que os pequenos aprendizes possam assumir a condição leitora, ainda que não saibam fazê-la de modo convencional. Cabe ao professor propor atividades motivadoras e desafiadoras em sala por meio da mediação pedagógica de leitura. Para isso, deve se ter uma formação na área da leitura.

De acordo com Aguiar (2011), desde a década de 1980 a temática da formação dos profissionais em educação esteve presente no debate das políticas educacionais e na legislação educacional, “abrangendo três temáticas: formação inicial, formação continuada e condições de trabalho dos profissionais da educação” (AGUIAR, 2011, p. 264). O Plano Nacional de Educação, PNE, mostra a centralidade do tema na agenda da política educacional e destaca que foram os movimentos dos educadores organizados nas entidades da área que trouxeram à cena o debate sobre essa questão considerando o tripé formação inicial e continuada, carreira e condições de trabalho. Deter-nos-emos, neste estudo, na análise da formação continuada desses professores que atuam na Rede de Ensino Municipal de Natal.

De acordo com os Referenciais para Formação de Professores (1999),

as questões político-administrativas são relacionadas ao papel desempenhado pelos governantes e gestores do sistema educacional. Nesse âmbito, a falta de articulação entre as várias instâncias de gestão do sistema, a descontinuidade dos projetos e programas de um governo para outro, a pressa com que as ações são planejadas e realizadas para atender às limitações do tempo político das administrações, a falta de incentivos salariais ou institucionais para que os professores participem de programas de formação e a inexistência de tempo previsto na jornada e no calendário escolar para a formação em serviço são fatores importantes a se considerar (BRASIL, 1999, p. 123).

Na última década, coincidindo com as metas do PNE, o governo investiu em parcerias com várias instituições de ensino públicas federais para impulsionar a formação do professor e alavancar a qualidade na educação brasileira aos níveis internacionais, e

nessa ótica os professores teriam um papel fundamental e a sua formação inicial e continuada passaria a se constituir numa questão de interesse do governo em todas as esferas jurídico-administrativas. Havia um reconhecimento de que a formação era necessária, de um lado, para assegurar a profissionalização, e, de outro lado, que teria repercussões para a melhoria dos processos escolares e de ensino-aprendizagem (AGUIAR, 2011, p. 265).

Embora ainda seja visível a discrepância entre os volumes financeiro e humano investidos e os resultados obtidos em relação à aprendizagem dos alunos, a mediação de leitura e a formação de um professor mediador de leitura é um desafio a ser assumido pelos profissionais e entidades que atuam diretamente na capacitação de professores, seja em nível nacional, municipal ou dentro das instituições de ensino.

Na família ou na escola, a criança pequena entra em contato com os mais diversos materiais de leitura, sendo necessária a presença de uma pessoa mais experiente a fim de dar visibilidade à linguagem e de introduzi-la no universo letrado desde a primeira infância, quando se trata da Educação Infantil, recorte do nosso estudo.

É consenso que para ler é preciso ter o que ler. Sabendo que 100% das unidades de Educação Infantil receberam as três edições com as caixas de livros do PNBE, não podemos negar que a escola precisa desenvolver um trabalho pedagógico comprometido com a democratização da leitura que permita ir além do acesso aos livros e da discussão sobre seu conteúdo. É preciso mediação, no entanto nem todos os professores adotaram em suas salas de aula a prática da leitura com as crianças, como comprovado a partir do levantamento dos dados sobre a formação continuada dos professores em serviço.

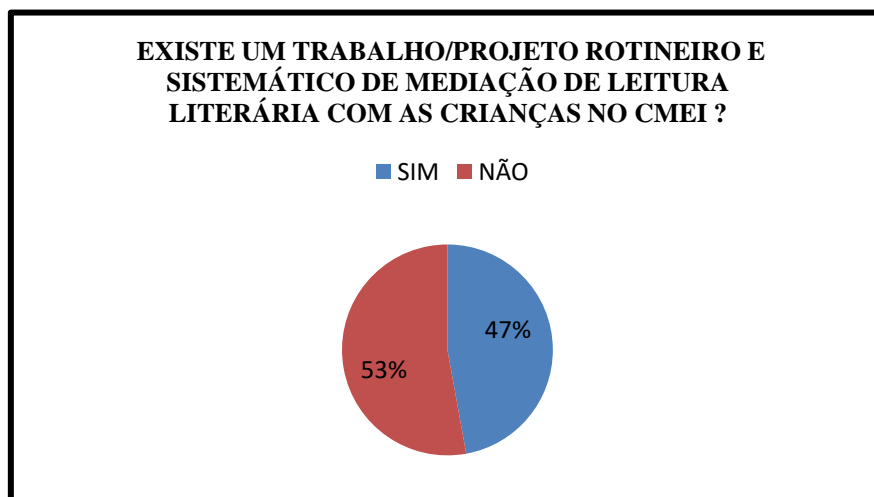


Gráfico 2: Rotina de leitura como prática pedagógica – **Fonte:** SILVA, 2013. (elaborado pela autora para fins de pesquisa) – **Referência:** Questionário Comitê Gestor

Os dados obtidos nos gráficos dialogam entre si quando se conjugam os números da formação do professor com os números do desenvolvimento do trabalho sistemático com leitura. Os dados são proporcionais entre si quando avaliamos que à medida que o professor

recebe dentro da escola uma formação de leitura, ele aplica em suas salas de aula, e quando não recebem, também não têm um trabalho sistematizado com a leitura.

O fomento à leitura, à formação de leitores e à formação de mediadores de leitura é um caminho longo a ser percorrido. A escola brasileira tem recebido, por meio do PNBE, um acervo de qualidade aceitável para uso de professores, de alunos, e quicá, da comunidade. O que se constata, entretanto, é que grande parte desse acervo não é sequer visualizado nem por professores nem por alunos, permanecendo em caixas, trocado por materiais de qualidade duvidosa, em prateleiras empoeiradas, jamais manuseado, e, às vezes, trocado por materiais de qualidade duvidosa.

O professor tem papel fundamental no processo de mediação de leitura, pois é por meio de sua figura que a criança conhece o mundo literário. É ele quem propicia contatos mais regulares e constantes com textos e atividades com objetivos específicos para desenvolver determinada habilidade do letramento, inserindo a criança nesse contexto, por meio dos livros, das contações de histórias, das práticas diferenciadas que ampliam o universo vocabular e fortalecem o interesse dos pequenos, alimentando a sua imaginação. Para isso, se faz necessário um

professor que goste de ler. Que goste muito de ler. Que se encante com a leitura, com a literatura, que leia histórias não só para contar, pensando em divertir, mas ler com a preocupação de cultivar o gosto de ler e se preocupando com a leitura do livro realmente e que seja também a leitura fiel do que tá no livro (HÉRCULES, 2013).

Disponibilizar o contato com as histórias da literatura infantil para as crianças nas escolas faz parte das condições de letramento. Contudo, não basta oferecer os livros ou apenas ler as histórias no começo ou no final das aulas. É necessário discussões sobre o assunto de que trata o livro e reflexões para que os alunos tenham condições de fazer inferências, antecipações, estabelecendo conexões entre seu conhecimento prévio e as informações novas.

Segundo Kleiman (2004) e Soares (2003), devemos ensinar as crianças a ler literatura como conhecimento e não como decodificação de signos. É o professor quem atua como mediador, acompanhando a leitura do aluno, auxiliando-o a superar suas dificuldades, guiando a criança na leitura do texto, através da linguagem oral e das imagens.

De acordo com autores como Faria (2009), Zilberman (2003) e Rego (1988), a literatura infantil pode ser ferramenta valiosa ao professor para auxiliá-lo em sua prática docente, visando à formação da criança leitora, na formação do gosto leitor, no desenvolvimento da imaginação e da criatividade, além de, por ser um objeto com características da arte, como exposto por Perrotti (1986), servir como propósito primeiro ao lazer, ao deleite e ao prazer, uma vez que nada se compara ao ato de ler.

Baseando-se nos relatos dos entrevistados durante a pesquisa, a formação fora do serviço é quase inexistente para o professor que atua na Educação Infantil de Natal e isso acontece porque não existe professor mediador de leitura para esse nível de ensino. Conforme o relato da professora Eneida que atua como formadora da Secretaria Municipal de Educação de Natal,

Todo professor é mediador de leitura, mas como existe essa denominação para especificar e distingui-los dos outros professores que ficam em sala de aula, e nos CMEIs não há esse profissional, a mediação de leitura para a Educação Infantil fica comprometida. Somente nas escolas que oferecem essa modalidade de ensino é que há mediação de leitura (ENEIDA, 2013).

A voz da professora Eneida nos impulsiona a uma reflexão de como estão sendo organizadas as práticas de gestão das políticas públicas de nosso país e especificamente em nossa cidade. A gestão de políticas públicas é compreendida como a interação entre o Estado e a sociedade, o serviço público e a sociedade, visando o fortalecimento da cidadania. É essencial avaliar de que forma estão sendo conduzidas as políticas de formação do leitor infantil para que possamos resolver os conflitos e interesses da promoção da leitura da escola.

Assim como a criança, o professor também deve ter formação em leitura. O professor leitor deve ser o indivíduo que desenvolve com regularidade e competência suas práticas de leitura, “confiante na sua capacidade de ser desafiado por qualquer texto, extraindo dessa experiência prazer e conhecimento” (AMARILHA, 2012). Mas como ser um mediador de leitura sem formação? Como formar um leitor na escola? O Gráfico 3 apresenta uma situação problemática para 88% dos educadores que durante o intervalo de 2010 a 2013 não participaram de nenhuma formação em leitura.

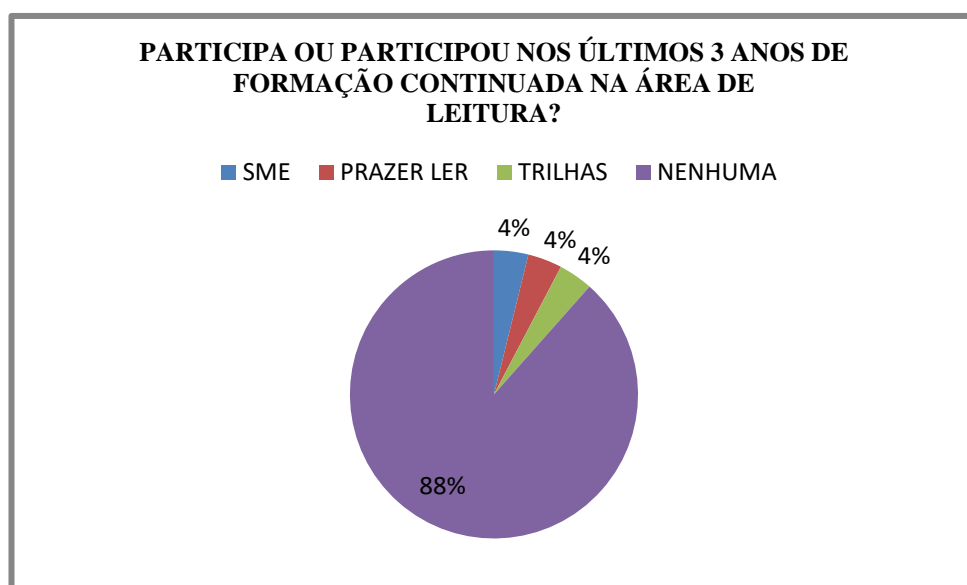


Gráfico 3: Formação continuada em leitura fora do CMEI – **Fonte:** Pesquisa realizada nos Centros de Educação Infantil em Natal/RN

Os dados do gráfico 3 ratificam a fala dos assessores da Secretaria de Educação quanto à formação continuada dos profissionais que atuam na Educação Infantil. Segundo Jocasta,

Então, nós temos a formação continuada dada pelos departamentos no caso dos profissionais da Educação Infantil, dado pelo Departamento de Educação Infantil; essa formação tenta atender todas as especificidades da educação infantil, desde os profissionais do berçário, de creche, de pré-escola como também do pessoal, do apoio pedagógico, como os gestores, coordenadores que atendem toda a demanda de acordo com as suas especificidades. É lógico que tem momentos que nós fazemos uma formação única, mas por ser um grupo muito grande, lógico que não dá sempre para a gente atender todo mundo de uma só vez (JOCASTA, 2014).

As dificuldades relatadas pela assessora mais uma vez se apresentam como um entrave para o processo de democratização da leitura. É verdade que o número de professores atuantes na Rede Municipal de Ensino se multiplicou e que os assessores e técnicos do Órgão Central permanecem praticamente com o mesmo quantitativo de pessoal. No entanto, não se justifica a

falta de formação continuada, quando sabemos que o Ministério da Educação, em cumprimento às metas do PNE, tem oferecido apoio aos estados e municípios, em regime de colaboração, na formação de professores e demais agentes envolvidos na questão da leitura com vista à implementação de uma política de formação de leitores.

Para esse nível de ensino, o que interessa na relação entre o professor mediador de leituras e a criança é o entusiasmo pelo que se está lendo, desejo de compartilhar experiências com que convive e nos lugares que convivem a leitura, apresentando à criança textos de gêneros variados, despertando-lhe o interesse pelo manuseio de livros que devem permanecer dispostos por todos os lugares em que a criança transita como a sua casa, a escola, a biblioteca.

Acreditamos que a literatura desempenha um papel decisivo na vida da criança. Entretanto, devemos lembrar que não basta apenas apresentar o acervo a ela. A ação vai além disso. Faz-se necessária uma prática consciente com implicações teóricas, metodológicas e críticas sobre o acervo que está sendo oferecido à criança na escola.

Referências

AGUIAR, Marcia Angela. A formação dos profissionais da educação no contexto atual e o PNE 2011-2020: Avaliação e perspectivas. In: DOURADO, Luiz Fernandes (Org.). **Plano Nacional de Educação (2011-2020): Avaliação e perspectivas**. 2. ed. Editora: UFG, Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BRASIL. **Histórias e histórias**. Guia do usuário do Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE, 1999. Secretaria de Educação Básica. DPE/ COMDIPE, Brasília, 2001.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2006.

NETO, José Castilho Marques. Políticas públicas de leitura e a formação de mediadores. In: NETO, José Castilho Marques *et al.* **Mediação de Leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores**. São Paulo: Global, 2009.

PERROTTI, Edmir. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: Ícone, 1986.

REGO. Lúcia Lins Browne. **Literatura Infantil: uma nova perspectiva da alfabetização na pré-escola**. 2. ed. São Paulo: FTD, 1990.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 7. ed. São Paulo: Global, 2003.